

**Bahia pura** RESERVA INDÍGENA É OPÇÃO AOS TRADICIONAIS PROGRAMAS DE PORTO SEGURO

# Quinhentos anos na contramão

Texto e fotos de João Luiz Marcondes  
Da equipe do Correio

**N**a escola costumamos ouvir sempre as mesmas histórias sobre o descobrimento do Brasil. Que os portugueses chegaram em imponentes caravelas. Que os dóceis indígenas, vendo tamanha demonstração de força dos europeus, teriam se curvado. Os selvagens teriam ainda feito amizade com os conquistadores em troca de objetos de altíssima tecnologia, como espelhos e pentes.

A conhecida versão, no entanto, tem outro lado. Como também tem outro lado o turismo farrista de Porto Seguro, cidade no sul da Bahia onde Cabral, no ano de 1500, aportou suas embarcações.

A seis quilômetros de Coroa Vermelha, última praia da orla, já em Santa Cruz de Cabrália, fica a Reserva Pataxó da Jaqueira (árvore da jaca, muito comum no local). A área, de 827 hectares (duas vezes o Parque da Cidade), pertence a um fazendeiro chamado Joaci Góes, que tinha por objetivo extrair toda madeira — jacarandá, sucupira e até pau brasil — ali existente.

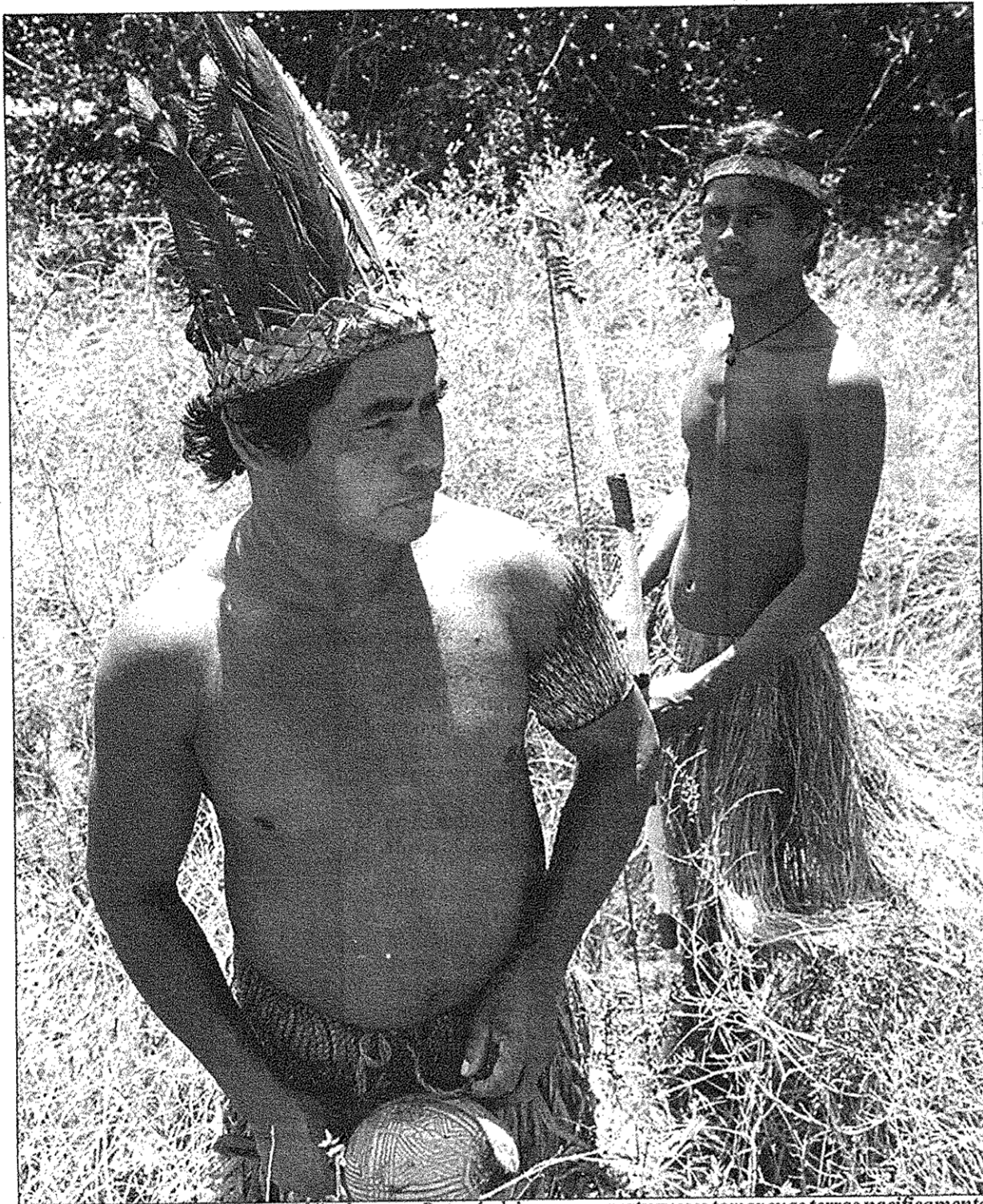
Antes que sucedesse tal tragédia ambiental, organizações não governamentais (Flora Brasil e Movimento de Defesa de Porto Seguro) conseguiram, na Justiça, que as terras fossem devolvidas aos pataxós, seus legítimos donos.

Como o índio do terceiro milênio pode ser tudo, menos inocente, a tribo resolveu fazer a mesma coisa que todos aqueles que possuem um pedaço de chão em Porto Seguro: explorar o turismo e ganhar dinheiro. Para tanto estão organizando uma espécie de passeio na Reserva da Jaqueira com direito a lendas, artesanato, comidas e bebidas típicas.

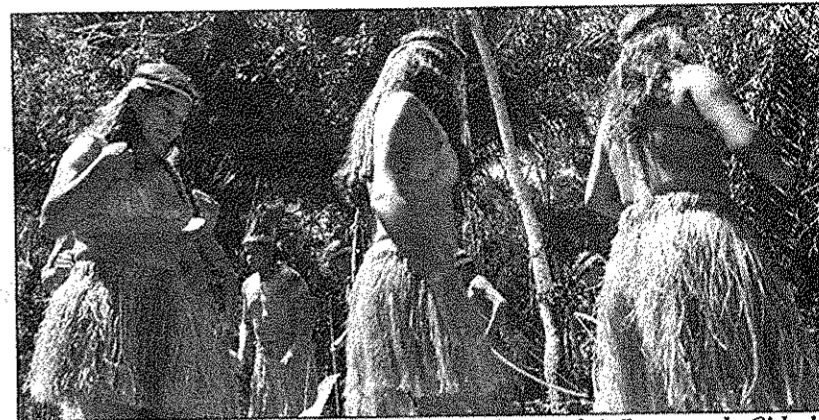
Porto Seguro já foi melhor. Mais especial. A Mata Atlântica mais exuberante, as praias mais paradisíacas e a baianidade mais espontânea. Hoje sofre os males da super exploração turística. São mais de 600 hotéis e, em época de temporada, a grande maioria das casas se transforma em pousadinhas informais. As barracas de praia, que durante o dia fervem com shows de lambaeróbica, chegam a receber dez mil pessoas em uma noite agitada, principalmente quando recebem astros pop como Rita Lee e Paralamas do Sucesso. Sem contar os prediletos da casa: Araketu, Terra-samba e outras bandas prolíferas em danças de alguma coisa (da tartaruga, do carrinho de mão, do robô, da bundinha e até a do "esquisito", um dos hits do último verão).

**TOBOÁGUAS**

Outra atração, localizada no Araraial D'Ajuda (separado em dez minutos de travessia de balsa), é o Paradise Water Park, um emaranhado de tobogãs nos moldes do Beach Park de Fortaleza, cujo slogan do outdoor afirma ser o maior da América Latina (não é engraçado como tudo no Brasil é vendido como o maior da América Latina?). Resu-



Uma das ideias é desmitificar a ideia de que os Pataxós deixaram os portugueses tomar suas terras pacificamente



A Reserva da Jaqueira tem tamanho equivalente a dois Parques da Cidade

**SERVIÇO**

**COMO IR**

**TAM (365-1000)**  
De segunda à sexta-feira para Porto Seguro, saindo às 9h, com conexão em Belo Horizonte, e chegada às 11h50. Preço varia entre R\$ 234,50 e R\$ 335,08.

**Rio-Sul/Nordeste (242-4099)**  
Vôos regulares para Porto: segunda à sexta-feira, saindo de Brasília às 7h04.

conexão em São Paulo, e chegada às 12h45. O preço varia entre R\$ 207,00 e R\$ 295,00.

**MAIORES INFORMAÇÕES**

Pataxó Turismo: 073- 288-2507.

■ O passeio ainda não está disponível. Falta apenas a instalação de banheiros na reserva, o que deve acontecer até o próximo mês de junho.

mindu, Porto Seguro se tornou a Disneylândia do Descobrimento.

Nada mais justo então que os índios tenham seu quinhão nos dividendos. Afinal, não era deles a terra descoberta pelos lusitanos? A iniciativa, no entanto, não se resume a capitalismo tribal. Mas sim mostrar ao visitante de Porto Seguro (quem normalmente procura praias, muita agitação e, quem sabe, uma cara metade de verão) que eles também fazem parte da história do Brasil.

"As comemorações dos 500 anos estão voltadas para o branco. Somos apenas coadjuvantes", diz para Carcaju Pataxó (quer dizer "urso gambá"), 20 anos, que trabalha como guia florestal e é um dos maiores empenhados em transformar a Reserva da Jaqueira em destino turístico. "O índio sofre com a falta de recursos e o turismo é uma boa fonte de renda", justifica ele que, na carteira de identidade, tem o nome de Eujácio Batista Lopes Filho.

Entretanto, motivos nobres não são suficientes para atrair o turista.

**EU RECOMENDO**

A reserva da Jaqueira é um lugar que destoa do resto de Porto Seguro, onde as diversões mundanas imperam. Tudo bem, nada contra, mas esqueceram da história. Foi ali que descobriram o Brasil e a maioria dos visitantes parece não se dar conta. O passeio à Jaqueira vale por dois aspectos: o pitoresco e ecológico, ao nos embrenharmos na Mata Atlântica; e o sentimental, pois, no meio dos índios, naquele lugar, todos nos sentimos um pouco invasores, um pouco "Cabrais". É legal!



João Luiz Marcondes

Tem que ter competitividade para disputar o precioso (e escasso) tempo do visitante com passeios de escuna ou o poderoso parque aquático. Para quem tem o mínimo de in-

teresse em cultura e afinidade com ecologia, a diversão é garantida.

O passeio começa com um relato dos índios sobre sua versão para a história do Brasil. A intenção é desmitificar a ideia (vendida principalmente na carta de Caminha) que os pataxós deixaram o branco tomar a terra de forma pacífica, ou mesmo, a de que o índio brasileiro é pacífico por natureza. "Todo índio é guerreiro", brada Carcaju. "Não é verdade que fomos conquistados às custas de espelhos", acrescenta Eujácio com determinação na voz.

Depois da aula de história pataxó, o turista pode se servir de cauim — uma cachaça feita de mandioca — a fim de enfrentar as trilhas da Mata Atlântica adentro. Andando pelos caminhos fechadinhos, ouvindo os selvagens contarem histórias do arco da velha e vendo árvores que faziam parte da paisagem quando os portugueses chegaram, apenas insensíveis não sentem uma identificação que parece vir desde antes de nascermos. Na realidade, de 500 anos atrás. É muito bacana.

## Índios ecologicamente corretos

Entre as atrações das trilhas, estão armadilhas rudimentares usadas para a caça. Elas estão por toda parte, mas servem apenas para demonstrações. Hoje os índios as consideram ecologicamente incorretas. Algumas estrangulam pobres animaizinhos e outras os esmagam contra o chão. "Nós também temos consciência ecológica", explica Hamilton Alves dos Santos, 36 anos, outro guia florestal. Seu nome pataxó é Capimbará. "É uma espécie de capim em extinção, as-

sim como nós", faz troça Hamilton.

Na pausa para o almoço o turista vai se deparar com três iguarias típicas da culinária dos indígenas: o carangueijo assado, o peixe assado na folha Patioba (uma espécie de palmeira), além do tradicional beiju, feito a partir da massa da mandioca.

Da Patioba, além de matéria-prima para um prato, os pataxós se valem de uma outra maneira. "É o celular do índio", diz Carcaju. As folhas espessas, que atingem até dois metros comprimento, servem co-

mo meio de comunicação. Na mata fechada, os índios batem com o lado do facão nas folhas, produzindo barulhos ouvidos a quilômetros de distância e traduzidos em código. Até hoje a "tecnologia" é utilizada, e eles prometem fazer demonstrações para turistas.

O visitante conhecerá este e outros costumes, muitos apenas para turista ver mesmo. Escutará umas histórias de conflitos entre portugueses, brasileiros e pataxós. Pode não ser a coisa mais genuína do

mundo. Entre dois mil índios que vivem em Coroa Vermelha (a seis quilômetros da reserva), pouquíssimos sabem falar o idioma original. Também não tem infra-estrutura, a palavra preferida dos agentes de viagem. Ainda assim, para um povo que trata de suas raízes com tanto desdém como o brasileiro, não deixa de ser uma bela e divertida aula sobre sua história. Ou melhor, o outro lado dela. (J.L.M.)

■ O repórter viajou a convite da Bancorbrás